

LITERATURA COMO INSPIRAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: O ROMANCE “O QUINZE” E A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SABERES NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

LITERATURE AS INSPIRATION IN SCIENCE TEACHING: THE NOVEL "O QUINZE"
AND THE CONTEXTUALIZATION OF KNOWLEDGE IN THE BRAZILIAN SEMIARID

Josieli Queiroz de Oliveira¹
Suzzana Alice Lima Almeida²
Sirius de Oliveira Souza³

RESUMO O presente artigo buscou analisar o potencial da literatura como recurso interdisciplinar para o ensino de Ciências contextualizado no Semiárido Brasileiro, tendo como foco o romance O Quinze, de Rachel de Queiroz. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, norteado pela Teoria crítica, partindo da leitura analítica interpretativa da obra literária, orientada por um roteiro de análise baseado em critérios pedagógicos e científicos. A metodologia incluiu a categorização temática de trechos do romance que abordam fenômenos como a seca, migração, ecossistemas da Caatinga, saúde, desigualdade social e saberes locais, articulando essas temáticas ao currículo de Ciências e à realidade dos estudantes. A discussão teórica fundamentou-se em autores como Adorno (1991), Arroyo (2004), Candido (2004), Cosson (2014), Freire (1970), Gadotti (2000), Gramsci (1999) e Santos (2006), destacando o papel humanizador da literatura e a importância de uma educação comprometida com os saberes locais. Os resultados apontam que o romance O Quinze funciona como uma inspiração potente de reflexões científicas e sociais, contribuindo para uma prática pedagógica significativa, emancipadora e comprometida com a formação crítica de estudantes da Educação Básica. Os resultados apontaram que a articulação entre literatura e ciências fortalece o ensino contextualizado e promove o protagonismo de estudantes na compreensão e transformação da sua realidade.

Palavras-chaves: Ensino de Ciências. Interdisciplinaridade. Leitura Literária e Educação Contextualizada.

¹Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia, Campus Senhor do Bonfim, Bahia.

² Professora Dra. Adjunta do Curso de Pedagogia e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA). Professora do componente curricular Fronteiras interdisciplinares entre educação, comunicação e cultura, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

³Professor Dr. Da Universidade Federal do Espírito Santo, docente do curso de licenciatura em Geografia,

ABSTRACT The present article sought to analyze the potential of literature as an interdisciplinary resource for contextualized Science teaching in the Brazilian Semiarid region, focusing on the novel *O Quinze* by Rachel de Queiroz. This research adopts a qualitative, bibliographical approach grounded in Critical Theory, starting from an analytical and interpretive reading of the literary work, guided by an analysis framework based on pedagogical and scientific criteria. The methodology included the thematic categorization of excerpts from the novel that address phenomena such as drought, migration, Caatinga ecosystems, health, social inequality, and local knowledge, articulating these themes with the Science curriculum and the students' reality. The theoretical discussion was based on authors such as Adorno (1991), Arroyo (2004), Candido (2004), Cosson (2014), Freire (1970), Gadotti (2000), Gramsci (1999), and Santos (2006), highlighting the humanizing role of literature and the importance of an education committed to local knowledge. The results indicate that the novel *O Quinze* acts as a powerful catalyst for scientific and social reflections, contributing to a meaningful, emancipatory pedagogical practice committed to the critical development of Basic Education students. The findings demonstrated that the articulation between literature and science strengthens contextualized teaching and promotes student agency in understanding and transforming their reality.

Keywords: Science Teaching. Interdisciplinarity. Literary Reading. Contextualized Education.

INTRODUÇÃO

A articulação entre educação, comunicação e cultura demanda uma abordagem interdisciplinar capaz de compreender os múltiplos sentidos da formação humana em contextos históricos, sociais e simbólicos. Isso ficou mais nítido após abordagens teóricas presentes em estudos teóricos, particularmente na disciplina *Fronteiras Interdisciplinares Entre Educação e Cultura*, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Território Semiárido (PPGESA) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Nesse sentido, o presente artigo propõe uma reflexão situada nas fronteiras desses campos do saber, tomando como ponto de partida a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2018), e a contextualização dos saberes do Semiárido.

A obra retrata com agudeza o drama social da seca de 1915 no Semiárido Brasileiro, revelando marcas profundas da desigualdade, da resistência e da condição humana frente à adversidade. Por meio da leitura desse romance, propusemos conexões com a crítica cultural de Theodor Adorno (1991), para quem a cultura deve ser compreendida como expressão contraditória entre emancipação e dominação, e com o pensamento de Antonio Gramsci (1999), cuja noção de hegemonia contribui para compreender os processos educativos e comunicativos como espaços de disputa e produção de sentido.

A obra de Rachel de Queiroz, ao denunciar as contradições do campo e da cidade, das elites e dos despossuídos, permite problematizar como as representações culturais se tornam formas de comunicação que educam, silenciam ou resistem. Ao mesmo tempo, as personagens de *O Quinze*, como Vicente, Chico Bento e Conceição, revelam trajetórias que expressam o conflito entre a reprodução e a transformação social, o que nos leva a pensar a educação não apenas como instrução formal, mas como processo ampliado de formação crítica.

Deste modo, dialogar com Adorno (1991) e Gramsci (1999) nos permitiu ir além da narrativa literária e questionar como a cultura opera nas estruturas e nas margens, seja como instrumento de dominação ideológica, seja como potencial de libertação.

Portanto, ao reunir essas referências, juntamente com algumas pontuações que foram discutidas em sala de aula, este artigo busca ampliar o olhar sobre a função social da literatura como meio comunicativo e educativo, trazendo a junção do ensino de Ciências contextualizado com os saberes locais do Semiárido Brasileiro e a interdisciplinaridade, refletindo sobre como as práticas culturais se entrelaçam com os modos de ensinar, aprender e comunicar os sentidos no tecido social. A escolha pela literatura como ponto de partida para o ensino de Ciências e em especial a obra escolhida, fundamenta-se na necessidade de construir práticas pedagógicas interdisciplinares, críticas e contextualizadas, especialmente em territórios marcados por realidades socioambientais específicas, como o Semiárido Brasileiro. Nesse sentido, o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, configura-se como um disparador potente.

3

Percurso metodológico

O presente trabalho trata-se de uma produção de natureza qualitativa e bibliográfica, com traços de análise documental e interpretação crítica de obra literária, tendo como eixo epistemológico os pressupostos da Teoria Crítica, dialogando também com a filosofia das práxis (Gramsci, 1999), que reconhecem e valorizam os saberes produzidos por sujeitos historicamente silenciados, especialmente os das comunidades do Semiárido brasileiro.

Assim, as etapas do estudo iniciaram com a leitura analítica e interpretativa do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, seguidos da identificação, descrição, análise e interpretação dos elementos presentes na narrativa que podem funcionar como inspiradores para o ensino de Ciências contextualizado no Semiárido Brasileiro.

A análise da obra foi realizada por meio de um roteiro interpretativo, com base em três critérios, descritos abaixo:

Quadro:1

NÚMEROS	ASPECTOS	ASSUNTOS
1	Temas científicos presentes no enredo	seca, clima, ecossistema, migração e saúde
2	Representações sociais e culturais do Semiárido	práticas de sobrevivência, desigualdades sociais, cotidiano dos personagens
3	Potencial pedagógico	Trechos específicos para o diálogo com conteúdos escolares do ensino de Ciências

Quadro 1: produzido pela autora

Além da leitura integral da obra, foram utilizados textos teóricos sobre educação contextualizada (Freire, 1970; Arroyo, 2004; Gadotti, 2000); ensino de Ciências no Semiárido (Nascimento, 2008; Lima, 2011) e crítica literária (Bosi, 1994; Lajolo, 2000; Nunes, 2004), buscando articular literatura e educação de forma crítica e interdisciplinar a partir de Adorno (1991) e Gramsci (1999).

Foi adotada a análise de conteúdo a partir de Bardin (2011), com apoio de abordagens analítico-interpretativas, por se tratar de uma metodologia sistemática, flexível e amplamente utilizada em pesquisas qualitativas. Essa técnica possibilita a decomposição, interpretação e reagrupamento dos dados textuais, permitindo que os significados subjacentes às falas, documentos ou registros sejam revelados a partir de um processo rigoroso de categorização, organizando os dados em categorias temáticas emergentes no processo de leitura. Ao final, propusemos uma discussão reflexiva sobre as possibilidades pedagógicas da obra, com sugestões de uso em práticas educativas voltadas à realidade socioambiental do Semiárido. Nessa perspectiva, apresentamos o diálogo teórico a partir dos conceitos-chave eleitos no estudo.

Ensino de Ciência e a contextualização com o Semiárido Brasileiro

O processo educacional trata-se de uma importante missão da construção da multiplicidade de saberes. Sendo que as influências dos aspectos biológicos, geográficos, históricos, psicológicos, sociais e culturais se inter-relacionam, dessa forma é necessário educar para compreender o contexto ambiental é uma missão bastante complexa (Leff, 2003).

De acordo com Krasilchik (2004), o ensino de Biologia nas escolas muitas vezes está distante da realidade do estudante, se configurando como ensino descontextualizado. Assim, uma quantidade de conteúdos passa a ser ofertada de forma linear e informativa, apenas de maneira teórica, não possibilitando relação com a realidade dos estudantes e com os seus conhecimentos prévios. Portanto, nem sempre há estratégia didática que favorecerá a contextualização do conhecimento. A prática de diferentes métodos didáticos no ensino aprendizagem pode estimular o estudante e aproximá-lo do conteúdo (Cunha, 2012), despertando o seu interesse por conhecer, valorizar e conservar o ambiente que estão inseridos. Nesse sentido, os processos educacionais têm sofrido transformações constantes a fim de promover melhorias no aprendizado dos estudantes (Lima Filho, Cunha, Carvalho & Soares, 2011).

A ideia de contextualização de Lutfi (1992) defende a importância em compreender que os saberes escolares estão em nosso cotidiano e para além dele. Desse modo, para o autor, a contextualização é mais do que uma junção de conceitos, possibilitando a compreensão de problemas sociais e a contribuição para o estudante desenvolver o pensamento crítico e o possibilite intervir no meio em que vive.

Segundo Dowbor (2005), a educação deve promover a autonomia dos sujeitos e desenvolver as capacidades que respondam às necessidades reais das comunidades, o que implica construir currículos que estejam enraizados na vida. Para Brandão (2002), a escola deve reconhecer os saberes populares como legítimos e dialogar com eles, resgatando a dignidade das culturas locais e valorizando as práticas sociais da população. Sendo essencial para combater os estereótipos que associam o semiárido à escassez e ao atraso.

A educação contextualizada proposta, consolidada por movimentos como a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA), defende uma pedagogia voltada para a convivência com o semiárido, reconhecendo as potencialidades do território e os saberes ancestrais como parte do processo educativo (Arroyo, 2012; Brandão, 2002). Nesse sentido, a ciência ensinada nas escolas

pode e deve dialogar com o contexto social dos estudantes, fortalecendo o vínculo entre conhecimento escolar e vida comunitária.

De acordo com Freire (1970), a educação deve ser um ato dialógico e libertador, onde o conhecimento parte da realidade concreta dos educandos para alcançar a compreensão crítica do mundo. Essa perspectiva é central para o ensino contextualizado, especialmente no semiárido, onde a história de marginalização e invisibilização exige uma pedagogia que valorize os saberes locais e promova o empoderamento das comunidades.

Assim, contextualizar o conteúdo, significa, em primeiro lugar, reconhecer que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto. O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo (Brasil, 1998). Portanto, a contextualização do conteúdo mostra a importância do cotidiano do estudante, expondo que o seu aprender em sala de aula tem aplicação prática na vida, possibilitando que o estudante sinta que o saber não é apenas um acúmulo de conhecimentos técnico-científicos, mas uma ferramenta que permite resolver situações práticas até então desconhecidas. É nesse contexto que a literatura se apresenta como um recurso potente para aproximação desses saberes.

Literatura como recurso interdisciplinar

A literatura, por seu caráter simbólico, crítico e humanizador, é uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento de práticas interdisciplinares no contexto escolar. Ao promover o encontro entre o sensível e o cognitivo, o estético e o científico, ela rompe com as fronteiras rígidas entre as áreas do conhecimento e favorece a construção de saberes integrados. Como afirma Candido (2004), a literatura humaniza porque põe o leitor em contato com experiências humanas diversas, ampliando sua visão de mundo e sua sensibilidade ética.

No âmbito educacional, a interdisciplinaridade proposta pela literatura não se restringe ao campo da linguagem, mas se estende a outros componentes curriculares. Para Rojo (2013), a leitura literária é um espaço privilegiado para desenvolver competências interpretativas e críticas, que dialogam com múltiplas áreas.

A Base Nacional Comum Curricular BNCC (Brasil, 2017), apesar dos seus silplismos, também reconhece a importância da articulação entre os campos do saber, defendendo uma abordagem pedagógica que valorize a interdisciplinaridade e a contextualização. Nesse sentido, a literatura pode funcionar como inspirador temático e cognitivo, capaz de mobilizar conteúdo

das Ciências da Natureza, por exemplo, ao apresentar narrativas que envolvam fenômenos climáticos, relações ecológicas, problemas sociais ou impactos ambientais.

Além disso, ao ser lida de forma crítica, a literatura contribui para a formação de sujeitos mais reflexivos e socialmente engajados. Conforme destaca Cosson (2014), a leitura literária tem o potencial de formar leitores não apenas competentes do ponto de vista técnico, mas também críticos, capazes de interpretar a realidade e atuar nela. Assim, utilizar a literatura como recurso interdisciplinar no ensino de Ciências amplia o sentido da aprendizagem, tornando-a mais significativa, ética e vinculada ao território onde os estudantes vivem.

Possibilidades de Diálogo entre a Literatura e o Ensino de Ciências

O ensino de Ciências, tradicionalmente marcado por uma abordagem tecnicista e conteudista, tem sido alvo de críticas por parte de educadores que defendem uma prática mais reflexiva, crítica e contextualizada. Nesse cenário, a literatura surge como uma ferramenta potente para estabelecer pontes entre o conhecimento científico e a experiência humana, promovendo o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais. Segundo Fourez (1995), a ciência deve ser compreendida em seus contextos de produção e de aplicação, o que implica o reconhecimento dos sujeitos, dos territórios e das culturas como elementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

7

Nesse sentido, o diálogo entre literatura e Ciências permite ressignificar conteúdos escolares ao inseri-los em narrativas que abordam temas ambientais, sociais e culturais com densidade simbólica. Ao tratar de fenômenos como seca, migração, desigualdade social, saúde e meio ambiente, romances como *O Quinze* contribuem para humanizar os temas científicos e despertar o interesse dos estudantes por questões que afetam diretamente seu cotidiano.

De acordo com Carvalho (2004), a alfabetização científica não se limita à transmissão de conceitos, mas envolve a construção de significados em contextos reais e culturalmente situados. Além disso, a literatura possibilita o exercício da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade no ensino de Ciências, permitindo que os saberes dialoguem com outras áreas.

Para Lorenzetti e Delizoicov (2001), práticas educativas que partem de temas geradores, como os que emergem das obras literárias, favorecem a problematização da realidade e o desenvolvimento de uma ciência comprometida com a transformação social.

Nesse contexto, o uso da literatura como recurso pedagógico no ensino de Ciências, especialmente em territórios como o Semiárido, contribui para uma prática educativa ancorada na realidade dos estudantes, em consonância com os princípios da educação contextualizada e da teoria crítica. Ao reconhecer os saberes locais e as vivências do território como legítimos, a escola amplia sua função formadora e contribui para o empoderamento dos sujeitos e de suas comunidades a partir da literatura, a exemplo da obra *O Quinze*, de Raquel de Queiroz.

A obra *O Quinze* e a realidade do Semiárido Nordestino

“O Quinze” e o olhar de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 04 de agosto de 1977, com 66 anos de idade, e passou a ocupar a cadeira de número 5, um marco histórico, embora a escritora tenha começado a sua carreira aos 19 anos, com a publicação de uma das mais importantes obras da Literatura Brasileira “*O Quinze*”, em 1930. A autora apresentou para o Brasil uma narrativa composta por denúncia social e sensibilidade artística.

A obra retrata a sofrida seca de 1915, narrando diversas realidades e pontuando situações desumanas com base em vivências pessoais e relatos familiares, compondo um painel realista da miséria provocada pela escassez hídrica no Nordeste. Segundo Bosi (1994), trata-se de um romance em que “a seca deixa de ser pano de fundo para tornar-se personagem principal”, o que mostra o engajamento da autora em destacar o fenômeno como elemento estrutural, político, social e econômico da realidade nordestina.

Rachel construiu uma rica narrativa, que se trata de um recorte histórico e cultural, mostrando que o Semiárido não é apenas cenário, mas condição de existência, especificamente na época em que a obra foi publicada pela primeira vez em 1930, tendo em vista que o Semiárido hoje já passou por inúmeras transformações, mas na obra a seca, a fome, o êxodo e a desigualdade social são descritos com forte carga emocional, mas sem perder o tom crítico.

A autora se vale de personagens como Chico Bento e a sua família de retirantes forçados pela fome; e Conceição, professora e neta de um rico fazendeiro, para representar os contrastes sociais da região. Segundo Nunes (2004), *O Quinze* “desmistifica a paisagem nordestina, desconstruindo a imagem romântica do sertanejo heroico e revelando, em seu lugar, o drama humano da sobrevivência”.

Rachel de Queiroz não traz soluções técnicas para os problemas do semiárido, porém em sua obra denuncia, com clareza, a ausência de políticas públicas eficazes, sem fortalecer determinismos simbólicos e culturais que ajudaram a estigmatizar o lugar e o povo nordestino. A escrita do romance pode ser lida como uma forma de intervenção simbólica, abrindo espaço para a reflexão crítica sobre a realidade social e ambiental por descasos governamentais. Como observa Lajolo (2000), a literatura de Rachel é “uma porta de entrada para a consciência social”, especialmente por apresentar a mulher nordestina como protagonista de seu tempo.

Tendo como destaque a personagem Conceição, que, representa uma mulher à frente de seu tempo, “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.” (QUEIROZ, 2001). Que vive a tensão entre o amor e o compromisso social, entre o desejo pessoal e a consciência de classe. Segundo Oliveira (2014, p.339) “Conceição encena o conflito da mulher dividida entre o amor e a sua própria independência” não se limita ao papel de observadora da tragédia social; ela se angustia, se envolve, mas também se recusa à romantização do sofrimento. A crítica de Conceição ao comportamento elitista, à inércia das autoridades e à desigualdade entre homens e mulheres revela uma consciência social e de gênero rara na literatura da década de 1930.

A literatura como instrumento de crítica social: uma leitura de O Quinze à luz de Adorno e Gramsci

Ao abordar o sofrimento do povo nordestino, a autora rompe com o estereótipo e romantismo idealizado e oferece uma narrativa que revela contradições estruturais da sociedade. Nessa perspectiva, a obra pode ser compreendida como uma forma de denúncia das condições materiais de vida dos sertanejos, sendo um instrumento de crítica social e de formação de consciência. Neste ponto convergem os pensamentos de Adorno (1991) e Gramsci (1999), teóricos que foram estudados ao longo da disciplina Fronteiras Interdisciplinares Entre Educação, comunicação e Cultura.

Para Theodor Adorno (1991), a arte tem potencial para promover uma reflexão crítica sobre a realidade social ao romper com a lógica da indústria cultural e da alienação. A literatura que não se rende ao entretenimento superficial contribui para desvelar as estruturas de dominação e produzir um mal-estar necessário à transformação. O Quinze, ao expor a miséria e o abandono político dos retirantes, cumpre esse papel, tensionando o leitor diante de uma realidade muitas vezes invisibilizada.

Já para Antônio Gramsci, a cultura é um campo de disputa ideológica, e a literatura pode ser uma ferramenta fundamental na construção da hegemonia ou na sua contestação. Ao criar personagens como Chico Bento e a sua família, que encarnam o sofrimento do povo subalterno, Rachel de Queiroz contribui para o que Gramsci chama de “organização da vontade coletiva” (Gramsci, 1999), favorecendo a emergência de uma consciência crítica.

A obra, portanto, pode ser lida como um dispositivo contra hegemônico. A leitura de *O Quinze* com base nesses autores permite compreender como a literatura, ao mesmo tempo em que representa a realidade, atua como mediadora da crítica social. Nesse sentido, a narrativa de Rachel de Queiroz pode ser tomada como uma prática educativa no sentido ampliado, onde, segundo Gramsci, se realiza em todos os momentos da vida social e não apenas na escola formal —, produzindo significados e despertando o senso de indignação.

Inspirações emergentes para o Ensino de Ciências

A análise da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, evidenciou como a literatura pode ser utilizada como disparadora de saberes científicos de forma interdisciplinar no contexto do Semiárido Brasileiro. A autora retrata as vivências da seca de 1915, fornece uma representação simbólica e crítica das dimensões sociais, ambientais, políticas e culturais da região, permitindo uma leitura pedagógica profundamente interdisciplinar.

10

Através da categoria “Seca e Clima Extremo”, destacam-se trechos em que a terra, os animais e a vegetação são afetados diretamente pela estiagem prolongada, como na cena em que até o mandacaru se apresenta murcho. Esse tipo de descrição oferece subsídios para trabalhar conteúdos científicos como evapotranspiração, características do solo e resistência das espécies da Caatinga.

De acordo com Gadotti (2000), o território deve ser visto como um lugar de aprendizagem, onde os sujeitos produzem saberes e experiências que a escola deve valorizar. Nesse sentido, a leitura do romance aproxima o conteúdo escolar da realidade vivida pelos estudantes do Semiárido, promovendo uma aprendizagem significativa.

Na categoria “Migração e Deslocamento Forçado”, a trajetória de Chico Bento e da sua família, obrigados a deixar suas terras por conta da seca, e o pagamento da promessa de sua patroa, onde deu a ordem “se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral” (Queiroz, *O Quinze*, p.21), permite abordar questões de ordem ambiental, social e econômica. Essa situação permite trabalhar com estudantes o impacto das mudanças climáticas, o êxodo

rural, a migração e a vulnerabilidade social dos grupos afetados. Arroyo (2004) enfatiza que compreender o território onde se vive é condição para agir sobre ele, com dignidade e emancipação. Além disso, essa abordagem também dialoga com os objetivos da BNCC no que tange à educação científica voltada para a sustentabilidade e o pertencimento.

Por outro lado, a personagem Conceição foi identificada como uma ponte entre a crítica social e o saber científico. Tratando-se de uma professora, leitora, sensível e consciente das injustiças, representa uma figura feminina que rompe com os modelos submissos e atua como sujeito político no sertão. Conceição poderia ser considerada, nos dias atuais, como uma pessoa militante e que busca por justiça social; mesmo sendo de uma classe social mais privilegiada, ela pensa no próximo, sai de sua casa para ajudar as pessoas nos campos de refugiados, adota e cuida de seu afilhado Ducinha como se fosse seu filho.

Ou seja, rompe os padrões da época onde as moças buscavam um casamento a todo custo. Conceição buscava conhecimento; mesmo já tendo lido todos os livros da biblioteca do seu falecido avô, ela os relia, e Dona Inácia (Mãe Nácia, como ela chamava a avó) sempre a perguntava sobre um possível casamento. Segundo Lajolo (2000,), Rachel de Queiroz cria em Conceição uma mulher que observa, questiona e se posiciona, tornando-se referência de resistência intelectual e afetiva. A análise de suas atitudes permite refletir com os alunos sobre o papel da educação, da ciência e da mulher na transformação da sociedade.

11

A categoria “Saberes Locais e Estratégias de Sobrevivência” revelou como as práticas dos personagens, o uso de plantas, o conhecimento sobre a terra, técnicas de deslocamento, o trato com os animais, estratégias adotadas pelo personagem Vicente, para não se perder todo o rebanho, podem ser compreendidas como ciência em contexto. Essa valorização do conhecimento tradicional, como defende Santos (2006, p.154), “é essencial para uma ecologia dos saberes, onde o saber científico e o saber popular dialogam e se fortalecem”. Ter o conhecimento desses elementos contribui para a construção de uma visão não hierárquica dos saberes, promove equidade epistêmica e cultural.

A partir da análise das categorias emergentes, observa-se que a obra, além de sua relevância literária, funciona como uma rica ferramenta didática para o ensino de Ciências contextualizado, ao integrar linguagem, território e realidade socioambiental. Essa integração favorece o desenvolvimento de competências que extrapolam a memorização de conceitos, contribuindo para uma formação crítica, conforme defendem autores como Carvalho (2004) e

Lorenzetti & Delizoicov (2001), que ressaltam a importância de se ensinar Ciências a partir de contextos significativos e problematizadores.

Ao dar visibilidade às experiências de sujeitos que vivem em condições adversas no Semiárido, o romance tem o poder de ampliar a compreensão sobre o espaço como campo de produção de conhecimento, despertando nos leitores a percepção de que suas vivências e saberes também são legítimos e podem dialogar com o conhecimento científico presente no ambiente escolar. Assim, a literatura não apenas enriquece o ensino de Ciências, mas atua como mediadora de uma aprendizagem mais afetiva, ética e politicamente comprometida com a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica da obra *O Quinze* revela o potencial da literatura como ferramenta de mediação entre o saber científico e a experiência vivida no Semiárido brasileiro, que pode ser utilizado como um recurso pedagógico interdisciplinar no ambiente escolar. Percebe-se também que muitos dos problemas enfrentados em 1915 ainda estão presentes no Semiárido Brasileiro, devido à falta de políticas públicas adequadas para a convivência com a seca, tendo em vista que a seca é um fenômeno natural que não se combate, mas se convive.

12

Assim, ressaltamos que precisamos de mais Conceições em nosso território; pessoas engajadas na busca de políticas públicas, pessoas que, assim como Conceição, não busquem só os seus interesses, mas sim pautas de interesse coletivo engajadas com melhorias sociais e ambientais. Essa possibilidade se tornará mais possível com a junção da multiplicidade de saberes que o território tem como patrimônio, com o ensino contextualizado com a realidade e comprometido com a busca de melhores condições de vida digna para todas as pessoas e, juntas, consigam superar as narrativas depreciativas e os estereótipos que o Semiárido Brasileiro foi culturalmente exposto.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL – **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Ler e ensinar literatura**. São Paulo: Contexto, 2014.

Cunha, M. B. (2012). **Jogos no Ensino de Química: Considerações Teóricas para sua utilização em Sala de Aula**. *Química nova na escola*. 34(2), 92-98.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUREZ, Gérard. **Alfabetização científica e tecnológica: novos caminhos para a educação científica no ensino médio**. Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
GADOTTI, Moacir. **Educação e sustentabilidade: uma nova visão da educação**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: fruição e conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2000.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA FILHO, F. S. L., CUNHA, F. P., CARVALHO, F. S.; SOARES, M. C. (2011). **A importância do uso de recursos didáticos alternativos no ensino de química: uma abordagem sobre novas metodologias**. *Enciclopédia Biosfera*, 7(12), 168-170.

LORENZETTI, C. M.; DELIZOICOV, D. **Educação em Ciências e os desafios da contextualização: temas geradores como possibilidade**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2001.

LUTFI, M. **Os Ferrados e os Cromados: produção social e apropriação privada do conhecimento químico**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1992

NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre: ensaios sobre literatura e existência**. São Paulo: Ática, 2004

NASCIMENTO, Eliane Araújo do. **Educação contextualizada e Semiárido: novos paradigmas pedagógicos.** Recife: ASA, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** São Paulo: José Olympio, 2001.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2013.

SALLES, Neuma. “**Conceição: protofeminismo no romance O Quinze**”. In: Anais do Congresso Brasileiro de Literatura Nordestina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVA, Osmar Pereira. **Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo.** Cadernos Pagu, Campinas, UNICAMP, n. 43, p. 385-415, jul.-dez. 2014.